

## **A Importância dos Centros Comunitários e Culturais para o desenvolvimento das crianças**

Todas as crianças passam os seus primeiros anos de vida e escola tentando descobrir quem são e a criar uma identidade. Para uma criança que cresce com uma biculturalidade, esta tarefa torna-se mais difícil quando tenta descobrir como pode criar um equilíbrio entre as duas culturas em presença na sua vida. Sim, nasceram num país estrangeiro – para os pais -, como o Canadá, e devem então encaixar-se na cultura canadiana. Mas, para filhos de pais que emigraram há pouco tempo para o estrangeiro, eles são criados com os mesmos costumes e línguas como os pais, e então têm que unir as duas culturas para existir uma dupla pertença. A Sofia Afonso da Universidade do Minho, num artigo que li (“A segunda geração e o regresso: motivação e vivências”, em *A Vez E A Voz Da Mulher Imigrante Portuguesa*) descreve isto como a barreira “entre a esfera interna, o território interno que é essencialmente um espaço cultural português, e a esfera externa, território que se refere ao espaço cultural do país estrangeiro vivido e alicerçado na instituição escola”. Uma forma de facilitar a união de duas culturas vivendo num país estrangeiro é a criação de clubes e associações portuguesas com atividades culturais.

A cultura portuguesa tem contribuído imensamente para a criação da pessoa que sou hoje. Os meus pais vieram para o Canadá um ano antes de eu nascer. Cresci num ambiente português, um ambiente que era natural para os meus pais, e até a minha entrada na escola, aos quatro anos, também foi natural para mim. Ia de férias a Portugal com os meus pais, tinha orgulho de ser descendente de um país tão bonito, e entrei na escola principalmente a falar Português. Mas foi com a minha entrada na escola que comecei a ter conhecimento de que a cultura Canadiana era multicultural e, enquanto celebravam e aceitavam as tradições de outros países, era importante adaptar-me ao ambiente Canadiano onde, por vezes, ser diferente nem sempre equivalia a ser aceite. Principalmente por outras crianças, que não entendem porque é que algumas pessoas têm diferenças; então, pegam a fazer pouco do que acham anormal. Eu era a mais pequena da turma escolar, muito insegura e tímida, comparada com os outros alunos que eram naturalmente extrovertidos, pois eu vinha de uma casa em que os meus pais ainda eram muito novos no país e, portanto, não tinham

experiência suficiente para me dar a liberdade que as outras crianças tinham. Foi com esta experiência que eu, infelizmente, comecei a mostrar uma aversão pelas minhas diferenças culturais, como a comida que às vezes levava para almoçar na escola, e distanciava-me o máximo que podia da cultura portuguesa quando estava fora de casa e, quando estava em casa, continuava a falar em Inglês com a minha irmã mais nova contra os desejos dos meus pais. Eu queria ser igual aos outros, ser normal, e fazer parte da esfera Canadiana ou, como Sofia Afonso lhe chama, a esfera externa.

Foi quando os meus pais nos colocaram no First Portuguese aos sábados para aperfeiçoar a nossa “fala portuguesa” que eu comecei a dar valor a ser portuguesa. Era um dia por semana em que estava cercada por outras crianças que foram criadas da mesma maneira que eu, e sentia-me à vontade. Desenvolvi muitas amizades com outras pessoas que entendiam as guerras culturais que tinha enfrentado e muitas dessas amizades ainda existem hoje. Aprendia a falar e escrever em Português, sobre os nossos costumes, e apaixonei-me por a história de Portugal. Via as minhas primas, que dançavam no Rancho Folclórico da Associação Migrante de Barcelos, vestidas em trajos tradicionais e pedia aos meus pais para me deixarem entrar também. Conforme aprendia sobre a história de Portugal e o significado de cada dança folclórica do meu rancho, comecei a “re-criar” a minha autoidentidade, a apaixonar-me por a minha cultura, e a colocar-me numa esfera interna. E quanto mais eu me socializava na comunidade do rancho, a dançar e a assumir posições na direção do clube, mais eu comecei a deixar as minhas inseguranças, tornei-me mais extrovertida, sem medo de ser julgada pelos outros. A paixão pela história de Portugal tornou-se numa paixão pela história do mundo. Foi assim que me senti levada a estudar história na Universidade de York, para um dia me formar como professora, e inscrevi-me em aulas de língua e cultura portuguesas na universidade, ajudando a unir as duas esferas externa e interna no meu dia a dia.

Se pudesse viver numa sociedade portuguesa todos os dias como em Portugal, eu hoje não teria nenhuma hesitação, até que hoje, quando volto a Portugal de férias, eu não me sinto como se estivesse a deixar a minha casa para ir de férias a um país estrangeiro. Sinto-me em paz, o meu coração a dizer-me “Estás em casa”. Saio à rua como se estivesse no meu país materno e não tenho vergonha de falar com os meus primos porque tenho confiança de que eles vão entender-me.

Não foi por culpa dos meus pais que as outras crianças não compreendiam a nossa diferença, e agradeço-lhes muito por terem imigrado para o Canadá e trabalhado muito para que eu e a minha irmã pudéssemos ter oportunidades que eles não tiveram a crescer. Mas também tenho muito que agradecer pela minha participação em duas de várias associações portuguesas em Toronto: graças a estas vivências, pude desenvolver uma forte apreciação por ter uma identidade bicultural, sem a qual não seria a pessoa que sou hoje. Por isso é muito importante apoiarmos a comunidade portuguesa. Os clubes oferecem às crianças um ambiente rico e estável para explorar quem são e de onde vêm e ajudam a manter as crianças ativas. Na minha opinião, e com base na minha experiência feliz, devemos integrar as novas gerações na comunidade com atividades como aprendizagem da língua ou outros instrumentos de participação, como a dança. Fazemos isto quando apoiamos as festas das associações, para que estes centros possam manter-se de portas abertas e continuar a promover a nossa língua e a nossa cultura. É assim que os portugueses no estrangeiro podem ter a certeza de que a nossa cultura não vai desaparecer e de que os filhos que vierem vão participar na sociedade sem vergonha ou hesitação.

Marta Fernandes

Estudante de “Language in Context: Portuguese in the GTA” – Portuguese Studies,

YORK UNIVERSITY